A EXPERIÊNCIA DA NUDEZ E O MOVIMENTO NATURISTA

Fernando Antônio Nascimento da Silva (Faculdade Pio Décimo)

INTRODUÇÃO

É ambígua a relação do homem com a sua nudez. A depender do momento histórico, do lugar, das normas legais e morais vigentes, a nudez pode ser tratada tanto como uma séria transgressão ou aceita e experimentada naturalmente.

Tratada como uma questão de Estado, religiosa, ideológica, o ato de mostrar-se despido, ou ver alguém despido, ainda hoje na sociedade contemporânea não se constitui um tema pacifico. Camargo Filho (2006, pg. 91) pontua esta dificuldade ao colocar que "em nossa revisão bibliográfica assinalamos a raridade de pesquisas que se dedicaram ao estudo dos gestos e especialmente, os de despir-se, vestir-se ou despojar-se das roupas". A Academia a tem relegado a um segundo plano, seja por entendê-la como não relevante, a ponto de não merecer a construção de um discurso cientifico, seja por uma falta de disposição em ser expor a uma possível situação de constrangimento em virtude dos questionamentos, risos, piadas dos seus pares.

Socialmente, o ato de despir-se é conformado a alguns espaços específicos, nos quais é "autorizado", não ocasionando sanções no aspecto legal ou moral, tais como tomar banho, relações sexuais, exames médicos, atividades artísticas, permitindo aos indivíduos desnudar-se na presença do outro, e que este também possa ver a pessoa nua. Fora de tais contextos, a pessoa desnuda incorre na possibilidade de repreensão social, contra qual Gullar (2009) explicita sua indignação:

> "VAMOS FALAR a verdade: a sociedade em que vivemos é pura repressão. Já foi pior, claro, muito pior.(...) Por que a repressão? Por mero preconceito, pelo propósito moralista que tomou conta da sociedade.Não nascemos nus? Por que então temos de andar cobertos de roupas, que nos escondem o corpo? (...) Por que não podemos andar nus como os índios? Não nascemos nus? Nos países frios, no inverno, admito, não dá para abandonar as roupas, mas, nos trópicos, as roupas são a expressão dos preconceitos morais e da repressão religiosa. Os únicos que se aventuram a ficar nus em pêlo são os nudistas, mas apenas em certas praias, e não por culpa deles; por culpa, sim, da hipocrisia social que obrigaria a polícia a prendê-los. Por que não se pode entrar nu num banco, já que obscenidades maiores são lá praticadas com permissão da lei? (...)Está tudo muito errado. Por razões que ignoro -mas que refuto liminarmente-, os homens

> escolheram reprimir seus desejos mais genuínos e seu modo espontâneo de vida em função de normas, disciplina, valores que, como observou Nietzsche, só favorecem os fracos e covardes. Só esses necessitam de leis repressoras para compensar a natural superioridade dos fortes."

A cultura se constitui num elemento fundamental na determinação de uma sociedade em relação a nudez. É ela que vai estabelecer os limites da tolerância e permissão, das situações e dos modos que um individuo se relaciona com a questão. Vergonha, pudor, medo, excitação, desejo, sensação de liberdade, são sentimentos comuns nas experiências do nu coletivo. As roupas assim assumem um significado que transcendem ao adorno ou proteção, se inserem como elemento fundamental da cultura ocidental, como um símbolo de civilização.

O corpo constitui o mediador da relação entre o homem e o mundo. É ele que materializa a subjetividade humana, transformando em fenômenos observáveis os sentimentos, emoções, pensamentos, desejos. É através dele que nos mostramos aos outros, como também os outros se mostram. Pode proporcionar indescritíveis prazeres, sensações inarráveis, ou experiências de limitação, dores e vergonha. Na Idade Media era considerado a prisão da alma, levando o homem ao pecado. Na pós-modernidade, o caminho para a liberdade e felicidade.

O NU NO TEMPO

Na antiguidade clássica, mas especificamente entre os gregos, a nudez era entendida como sinônimo de civilidade, em contraposição aos bárbaros que usavam vestes rústicas, "entre os antigos gregos o corpo desnudado mostrava quem era civilizado" (SENNETT, 2003). Continuando, o autor diz que:

> "Para o antigo habitante de Atenas, o ato de exibir-se confirmava a sua dignidade de cidadão. A democracia ateniense dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez. O desnudamento coletivo a que se impunham – algo que hoje poderíamos chamar de "compromisso másculo" – reforçava os laços de cidadania". (SENNETT, 2003, pg. 30).

No mundo masculino grego a nudez era um hábito, um modo de relacionar-se socialmente. As festas, o esporte, os banhos, são para o homem grego componentes do seu cotidiano, nos quais o despojamento das roupas significava a expressão de uma cultura diferenciada, civilizada.

> "Para equilibrar os poderes em seus corpos despidos, os rapazes eram conduzidos ao ginásio por seus irmãos mais velhos". Ginásio vem do grego GUMNOI, que significa totalmente desnudo. O corpo nu e belo é uma dádiva da Natureza, mas Tucidides descreveu a nudez como uma conquista da civilização. Nos três ginásios de Atenas os jovens aprendiam a se comportar desnudos". (SENNETT, 2003, pg. 41)).

No entanto, tal liberdade não era estendida às mulheres, excluídas da condição de cidadania, "elas não se mostravam nuas na cidade" (SENNETT, 2003) não por uma determinação moral ou religiosa, mas em virtude de uma concepção fisiológica que "justificava direitos desiguais e espaços diferentes... as mulheres eram tidas como versões mais frias dos homens" (SENNETT, 2003).

Na Grécia o banho tratava-se de uma instituição, "todo banquete que precisava ser luxuoso incluía uma sessão de banho para os convidados", coloca Feijó (2007, pg. 34) citando George Vigarello. Os banhos públicos tiveram seu inicio entre os gregos, momento de festa, conversa, acordos, de fazer política e exercitar o pensamento. Roma herdou da tradição clássica o gosto pelo banho, no entanto,

> "os romanos da República, ao contrário dos gregos, eram de natureza pudica, não gostavam de se mostrar nus, mesmo em família. Mas como tomar banho sem se despir ? Sustentada pela poderosa corrente de helenismo, a nudez entrou assim, progressivamente, nos hábitos e nos costumes" (MALISSARD, 2007, pg. 60)

No entanto, mesmo não sendo tradicionalmente adeptos dos banhos mistos, estes surgiram no período Imperial, não sem contestação e reprovação, o que não impediu que o cidadão romano se acostumasse com a nudez pública, a ponto de popularizar as termas, que em certos casos chegavam a capacidade de 3200 pessoas. Com o crescimento do cristianismo, "a liberdade que os romanos tinham de se banhar e ficar nus em público foi entrando em declínio" (FEIJÓ, 2007, pg. 36), o nu público começava a ser visto com outros olhos.

> "Contrariamente a idéia consagrada, os homens da Idade Média não odiavam a nudez. É verdade que a Igreja a condenou. Mas o corpo nu permanece no centro de uma desvalorização e de uma promoção. O cristianismo rompe claramente com as práticas antigas, sobretudo os da ginástica – do grego *gymnos*, que quer dizer nu – que os atletas exerciam despojados de toda a roupa". (LE GOFF E TRUONG, 2006, pg. 140)

Ao longo do período medieval, a relação do homem com o seu corpo na cultura ocidental sofre significativas transformações. O corpo passa a ser objeto de desprezo, de renuncia, sendo dividido "entre as partes nobres (a cabeça, o coração) e ignóbeis (o ventre, as mãos, o sexo)" (LE GOFF E TRUONG, 2006). Aos poucos as pessoas vão se cobrindo, e a nudez passa a ser "o sinal de uma regressão em relação a ordem coletiva, de uma ruptura com os círculos da sociabilidade medieval" (BRAUNSTEIN, 2002, PG. 573), já não sendo prática comum no Renascimento.

A nudez coletiva ou em público era comum, as pessoas dormiam juntas (pais, filhos, empregados, amigos, visitantes) nuas, não raro na mesma cama. (VERDON, 2006). Ser visto ou ver alguém nu, ao dormir, no banho não implicava numa situação de constrangimento ou transgressão. A condenação da nudez na sociedade medieval constitui-se num processo lento que aos pouco vai se consolidando.

> "Esta despreocupação desaparece lentamente no século XVI e mais rapidamente nos séculos XVII, XVIII e XIX, no inicio nas classes altas e muito mais devagar nas baixas. Até então, todo estilo de vida, com a maior intimidade dos indivíduos, tornava a vista do corpo nu, pelo menos no lugar apropriado, incomparavelmente mais comum do que nos primeiros estágios da era moderna. "Chegamos à conclusão surpreendente" disse alguém com referência a Alemanha, "que...a vista da nudez total era a regra diária até o século XVI".(...) E isto por certo não se aplicava apenas à Alemanha."(ELIAS, 1994, pg. 165)

Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, quando na Europa a gênese da preocupação com a nudez já se instalara. Entende-se assim, o misto de espanto e fascinação, especialmente pelas índias, dos integrantes da esquadra de Cabral ao se depararem com os índios nus. Passado o encantamento inicial, os colonizadores, capitaneados pelos jesuítas, trataram de cobrir os índios, "a nudez passara, então, a ser sinônimo de pecado e impôs-se lentamente a ditadura do pudor" (DEL PRIORE, 2006, pg. 43).

A EXPERIÊNCIA DA NUDEZ PÚBLICA

O desnudamento, pessoal ou grupal, constitui-se num pleno mostrar-se, a si ou ao outro. Trata-se de um entrega ao olhar daquele que olha, entregue aos seus julgamentos, aprovação ou desaprovação, sem disfarces. Conforme colocam Santos e Aguieiros (1999, pg. 105), "as relações humanas podem ser comparadas a um jogo continuo de avaliação,

aprovação, troca de experiências (...) de controle e de poder". Um julgamento ao qual não se pode escapar, pela impossibilidade de esconder-se, de se mostrar o que não se é.

A vergonha e o constrangimento são sentimentos comuns quando das experiências iniciais de nudez em público. O corpo aparece como o objeto para o qual se dirigem tais sentimentos. No cotidiano precisa ser ocultado, muitas vezes disfarçado, sob pena da desaprovação social. A sociedade impõe um padrão corporal, definido pela mídia, reforçado pelo discurso da saúde, fora do qual recaem discriminações e preconceitos, em muitos casos a própria exclusão. Além da exigência estética, normas legais, morais, e religiosas regulam a exposição e as situações nas quais é aceitável mostrar-se nu, ou ver alguém sem roupa.

> "Em um outro relato, um estudante de 21 anos sentiu vergonha ao ver seus amigos andando nus pela praia. O entrevistado não aderiu, nem repreendeu os colegas, por medo da pressão que poderia sofrer do grupo, mas desaprovou tal atitude, considerando que seus amigos "estavam rompendo limites", contrariando o que "está estabelecido". Para ele, o comportamento de seus amigos tinha como atenuante o fato de estarem bêbedos, o que permitiu justificar o ato perante os policiais que os abordaram". (SANTOS E AGUIEIROS, pg. 108).

Se para uma parcela significativa da população a nudez em si mesma, ou pública, implica num constrangimento, em vergonha, para outras pessoas tal situação apresenta outros significados, transcendendo os aspectos morais e legais, representando uma maneira de lidar consigo, com o outro e com o mundo, na qual o uso de roupa representa uma intermediação desnecessária.

> "Acreditem, a nudez era uma sensação de liberdade que para mim ultrapassava o ato sexual. O estar nu para mim sempre teve algo de transcendente, ritualístico, mágico e incrivelmente natural, só lamento que minha família não seja naturista, só assim entenderiam meu desejo inconteste pela nudez encarada como a essência do ser humano". (Depoimento H, masculino)

Trata-se de uma experiência pessoal, de auto-aceitação, de libertação da determinação do olhar do outro. Implica em se mostrar ao mundo de modo originário, integrado consigo, que de modo geral rompe com os padrões estéticos impostos pela sociedade, afirmando sua presença distinta deste outro.

A auto-aceitação, sensação de liberdade, o redimensionamento de valores, a superação da identificação da nudez com o sexo, são os aspectos que mais sobressaem nas experiências positivas em relação à prática do nudismo social. Não se trata de um processo simples, na maioria das vezes, implica na superação de anos de repressão em relação ao nu de si e dos outros, sendo necessário um esforço para vencer o medo, a vergonha e a vontade de desistir.

> "A princípio eu achava que era um pouco incomodo tirar toda minha roupa em frente a pessoas que eu não conhecia. Quero dizer, eu pensava: E se esta pessoa resolve começar a me olhar? Logo depois de alguns minutinhos nua com os outros me dei conta que o estar nua não era uma coisa sexual.
> Estar nua é estar livre. Livre do julgamento de outras pessoas. Livre de ter que aparentar ser algo que não somos e livre de roupas quentes, pegajosas" (Depoimento A, feminino)
> "Minha análise da situação foi a de um grande choque de culturas. Eu vivi um choque de culturas em sua extremidade – eu estava totalmente exposta sem ter onde me esconder. Apesar disso eu agradeço por essa experiência. Eu vejo minha nudez de uma outra forma agora. Quando eu estou nua, eu estou apenas nua. Andar nua com um grupo de pessoas que achem isso normal é uma experiência libertadora. Eu era a única no vestiário que se sentiu desconfortável, ninguém mais pensou nada sobre a minha nudez". (Depoimento C, feminino)
> "Tirei minha roupa e eles nem repararam nisto. Foi algo tão natural para eles que logo me senti totalmente a vontade. Foi algo indescritível, liberdade total!
> Infelizmente meus pais não sabem e nem quero que saibam pois creio que eles seriam contra.
> Tentei sondar alguns amigos mas pude perceber que eles não iriam gostar da idéia" Depoimento E, masculino)
>
> "... mas permaneci um longo tempo dentro da barraca, de olhos fechados... esperando... Sabia que tudo mudaria no momento em que saísse para o ar; tive medo.
> (...)
> E então, o impacto de sensações: Primeiro vem o frio. Um frio intenso, vontade de voltar para a casca e cobrir-se novamente, e bem rápido. (...) Torrente estranha de emoções confusas... olho-me como se nunca houvesse feito semelhante coisa, como se esse corpo fosse uma coisa nova e recentemente adquirida.
> ...Areia debaixo dos pés, céu e mar nos olhos, e na pele apenas vento. Nenhuma defesa, nenhuma proteção... nenhum medo! E então vem a liberdade". (Depoimento M, feminino)

O corpo completamente exposto não pode fugir aos olhares, ao julgamento. Assim, permitir-se ser visto nu no espaço público, não é meramente ir de encontro às normas sociais vigentes, significa impor-se como sujeito, sendo capaz de estabelecer para si os limites aos quais se permite a invasão de si pelo olhar do outro. Neste sentido, o olhar do

outro não se torna uma ameaça, uma limitação, muito menos uma imposição de um determinado modo de ser.

O MOVIMENTO NATURISTA

No Brasil, como também em inúmeros outros países dos cinco continentes, existem grupos de pessoas voltadas para a organização e a defesa da prática do nudismo social. A Federação Brasileira de Naturismo (FBrN) representa os interesses, em nível nacional, dos grupos e entidades naturistas brasileiros. Fundada em 1988, tem como objetivos "coordenar, defender, difundir e desenvolver a cultura e a prática do Naturismo no Brasil (FBrN)".

O naturismo oficialmente é definido como **"**um modo de vida em harmonia com a natureza, caracterizado pela prática da nudez social, que tem por intenção encorajar o auto respeito, o respeito pelo próximo e o cuidado com o meio ambiente" (FBrN). A preocupação a preservação do meio ambiente, a prática grupal e a manutenção de relações fundadas no respeito ao outro são aspectos fundamentais na filosofia naturista, que para os seus adeptos, se diferencia do nudismo, entendido como a simples prática da nudez.

Uma das preocupações fundamentais do Movimento Naturista é a superação da concepção social, de uma relação direta entre nudez e sexo. Para tanto, os naturistas estão submetidos a um código de ética, além da permanente vigilância nos contextos naturistas de qualquer atividade que se caracterize como sendo de natureza sexual. Segundo o código de ética naturista brasileiro, é considerado:

> "I - FALTA GRAVE:
> (...)
> I.1. - Ter comportamento sexualmente ostensivo e/ou praticar atos de caráter sexual ou obscenos nas áreas públicas.
> I.2. - Praticar violência física como meio de agressão a outrem.
> (...)
> II - COMPORTAMENTO INADEQUADO:
> II.1 - Concorrer para a discórdia por intermédio de propostas inconvenientes com conotação sexual.
> (...)
> II.7 - Provocar danos à Flora e à Fauna, ou à imagem do Naturismo". (FBrN)

Rojo (2007, pg. 09), estudando o movimento naturista coloca que:

> "A nudez dos corpos torna-se, na perspectiva naturista, um símbolo deste retorno à natureza que igualaria os seres humanos e que permitiria a recuperação de uma "essência propriamente humana", enquanto a roupa significaria o mundo da cultura, das desigualdades, da competitividade do mundo moderno, da "aparência" que conduziria ao artificialismo das relações sociais".

Temos que a filosofia naturista, na sua essência, sem contradizer as motivações pessoais de cada praticante, ao abdicar do uso das roupas, alia-se a critica da sociedade moderna no que diz respeito a instrumentalização do ser humano, buscando retomar a transparência das relações sociais através do simbolismo da transparência.

Assim, a pratica naturista implica numa cumplicidade grupal, no sentido não só de romper normas sócias estabelecidas, mas também de uma crença na possibilidade de se manter relações sociais autenticas, indistintamente de aspectos exteriores do sujeito. Neste sentido, tem-se a crença na redefinição de valores, na medida em que se contrapõe aos valores como ostentação, competição, individualismo. Valores que ao serem vivenciados, proporcionam uma redefinição de vida e no modo de se relacionar com o mundo.

CONCLUSÃO

A nudez ainda se constitui em um tabu, apesar de socialmente aceita em espaços específicos como a mídia e a arte. No entanto, a prática nudista no cotidiano incorre em uma série de restrições e proibições, provocando um variado leque de sentimentos e reações, fazendo com que as pessoas adeptas da prática da nudez social recorram a espaços restritos, geralmente isolados da comunidade, de modo a vivenciarem tal experiência, sem o risco de sanções.

O movimento naturista brasileiro luta pelo reconhecimento do direito à nudez publica, compreendendo como necessária a estreita relação entre o homem e a natureza. Mais do que a busca pelo reconhecimento do que entende ser um direito, reclama uma escolha, que entende genuína.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

ALISSARD, Alain. *As delicias e abusos das termas.* Revista História Viva, número 43, São Paulo: Duetto Editorial, 2007.

BRAUNSTEIN, Philippi. *Abordagens da intimidade nos séculos XIV-XV*. In DUBY, Georges. História da vida privada – da Europa feudal a Renascença. Vol. 2 – São Paulo: Ed. Schwarcz, 2002.

CANARGO FILHO, Lucio Martins de. *O nu e o olhar uma iconologia do nu feminino na fotografia brasileira.* Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

DEL PRIORE, Mary. *Pureza e pecado ao sul do Equador.* Revista História Viva, número 27, São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

ELIAS, Norbert, *O processo civilizador.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE NATURISMO. http://www.fbrn.org.br/. Acesso em 09/06/2009.

FEIJÓ, Brunio Vieira. *As águas do tempo*. Revista Aventuras na História, numero 43, São Paulo: Editora Abril, 2007.

GULLAR, Ferreira. Jornal Folha de São Paulo, 2006.

GRUPO AMAZÔNICO UNIÃO NATURISTA http://br.geocities.com/graunaam/index1.html. Acesso em 09/06/09.

JOVENS NATURISTAS BRASILEIROS. http://www.ynai.com.br/. Acesso em 09/06/09.

LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na idade média.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NATURISTAS CRISTÃOS. http://www.naturistascristaos.org/. Acesso em 09/06/09.

ROJO, Luiz Fernando. *Mens pulchra in corpore pulchro: prática esportiva em uma comunidade naturista.* Revista Esporte e Sociedade. ano 2, n.5, Mar.2007/Jun.2007.

SANTOS, Christiane Souza dos e AGUIEIROS, Gabriela Hasimoto. *O corpo e a intimidade: os espaços do constrangimento.* In MARTINS, José de Souza (org.) Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

SENNETT. Richard. *Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental.* Edições Best Bolso. Rio de Janeiro, 2008.

VERDON, Jean. *O nu natural na Idade Média.* Revista História Viva, número 27, São Paulo: Duetto Editorial, 2006.